

VISUALIDADES

VOZES INDÍGENAS

Indigenous voices.

Voces indígenas.

Susana Dobal¹

DOI: 10.31501/esf.v3i34.15835

Resumo: Vozes indígenas atuais em diversas mídias convidam a refletir sobre outras maneiras de existir no mundo. O ensaio fotográfico foca no eco dessas vozes, destacando a relação entre o ambiente da cidade e a noção indígena de pertencimento, tradicionalmente ligada à floresta e aos ancestrais. As vozes destacadas aliam perspectiva crítica, visão não-predatória do mundo e reverência pelo que não é humano. Imagens e palavras são combinadas para propor uma releitura do espaço urbano.

Palavras-chave: Pensamento indígena. Fotografia. Cidade. Paisagem urbana. Natureza.

Abstract: Contemporary Indigenous voices present in various media invite reflection on other ways of existing in the world. This photo essay focuses on the echo of these voices, highlighting the relationship between the urban environment and the Indigenous notion of belonging, traditionally linked to the forest and ancestors. The featured voices combine critical perspective, non-predatory worldview, and reverence for the non-human. Combined images and words propose a reinterpretation of urban space.

Keywords: Indigenous thinking. Photography. City. Urban landscape. Nature.

Resumen: Voces indígenas contemporáneas en varios medios invitan a reflexionar sobre otras formas de existir en el mundo. El ensayo fotográfico se centra en el eco de estas voces, destacando la relación entre el entorno urbano y la noción indígena de pertenencia, tradicionalmente vinculada al bosque y a los ancestros. Las voces destacadas combinan perspectiva crítica, cosmovisión no depredadora y reverencia por lo no humano. Imágenes y palabras combinadas sugieren una reinterpretación del espacio urbano.

Palabras clave: Pensamiento indígena. Fotografía. Ciudad. Paisaje urbano. Naturaleza.

¹ Doutora, Universidade de Brasília, Brasília – DF, Brasil. sudobal@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-3730-6604>



Visualidades

Em anos recentes vozes indígenas têm ganhado mais visibilidade por meio de produções em vídeos, fotografias, pinturas, colagens, mídias diversas, além de textos. Desse material, ressoa um chamado para outras maneiras de habitar o mundo.² Seja por imagens ou em textos literários, em entrevistas ou em ensaios escritos, artistas e autores indígenas encontraram formas de se fazer ouvir que não mais se limitam ao espaço duramente conquistado na política, pois exploram maneiras mais sutis de difundir suas ideias. O ensaio aqui reunido traz vozes alheias que se tornaram incontornáveis em um cenário urbano de camadas diversas, um cenário híbrido com resquícios de natureza em meio a uma crise ambiental meio apocalíptica. A noção de pertencimento, tão cara à cultura indígena e tão carente na nossa cultura voltada para a mercadoria, noção perceptível na maneira como os indígenas se referem à floresta e aos seus ancestrais, também pode ser aplicada ao nosso espaço urbano e tempo presente. Neles coabitamos com vozes que atizam o olhar para a cidade em tons de verde e com carros formigando. Não se trata de pensar a presença indígena como um exotismo, mas de ouvi-la como mais um componente no tecido urbano heterogêneo onde os seus dramas também se refletem e onde a cidade pode reaparecer sob outra perspectiva.

As vozes indígenas colecionadas aqui, como as de Ailton Krenak, Daiara Tukano, Graça Graúna, entre outras, transitam entre a vida na aldeia vivenciada diretamente ou por meio de relatos ancestrais, e a vida urbana dos (aparentemente) não-indígenas, espaço que eles também compartilham. Os donos dessas vozes têm convicções em comum que os afastam de uma maneira predatória de estar no mundo

² Esse chamado pode também ser percebido na ficção realizada por não-indígenas, mas em proximidade com eles, tanto no cinema como na literatura. Ver, por exemplo, três obras de ficção comentadas em: Dobal, Susana (2025). Maíra, A Última Floresta e A Febre: reflexões sobre a questão indígena. Contracampo, Niterói, v. 44 (2). <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/66439/40028>

e conciliam a visão crítica, que a História os obriga a ter, à reverência por aquilo que não é simplesmente humano. Ouvir os ecos dessas vozes nas perambulações por Brasília é uma maneira de, junto com elas, procurar fazer da fotografia uma visão em duplo sentido: por um lado, um registro do que se apresenta à frente, e por outro, um registro dos filtros cambiantes que permeiam a experiência da visão. A própria fotografia faz parte de uma cultura visual que se retroalimenta de tal forma que esse ensaio dialoga também com as histórias em quadrinhos na maneira de tratar a imagem fotográfica e de combinar o texto e a imagem, embora o conteúdo seja diferente. O ensaio *Vozes Indígenas* dá também continuidade a outros trabalhos que realizei com vozes, sejam vozes amorosas (ou quase), vozes nas calçadas novaiorquinas, vozes nas mesas dos bares, vozes de entrevistados que suscitaram ensaios fotográficos onde o olhar foi filtrado pelas ideias de quem respondeu às perguntas.³ Tenho também fotografado as árvores de Brasília há alguns anos, e a minha percepção do espaço urbano, que já se voltava para o verde na cidade, por exemplo, no ensaio *Mundo* publicado e exposto em 2003/2004,⁴ tem sido ainda mais aguçada com a exposição a livros, textos, entrevistas e também com diversas exposições de arte indígena. Com ouvidos atentos e olhos abertos, procuro no cenário os ecos que podem elucidar vozes indígenas dispersas, porém coerentes. Nas perambulações urbanas, pode acontecer de uma voz encontrar o seu lugar, de forma a que palavra e imagem se desvendem reciprocamente. Dessa forma, conexões nem tão arbitrárias se formam no turbilhão de vozes e cenários: elas tecem retratos de um existir no tempo presente.

³ Ver, por exemplo, entrevista com a fotógrafa Cláudia Andujar, publicada na revista *A Barca* (Dobal, 2024). Para outros ensaios de S. Dobal em que vozes levaram a combinações entre imagem e texto, ver no site da fotógrafa: <https://susanadobal.com/#/site/fotografia/nasbocas>.

⁴ Para parte do ensaio *Mundo*, ver <https://susanadobal.com/#/site/fotografia/namidia/mundo>.

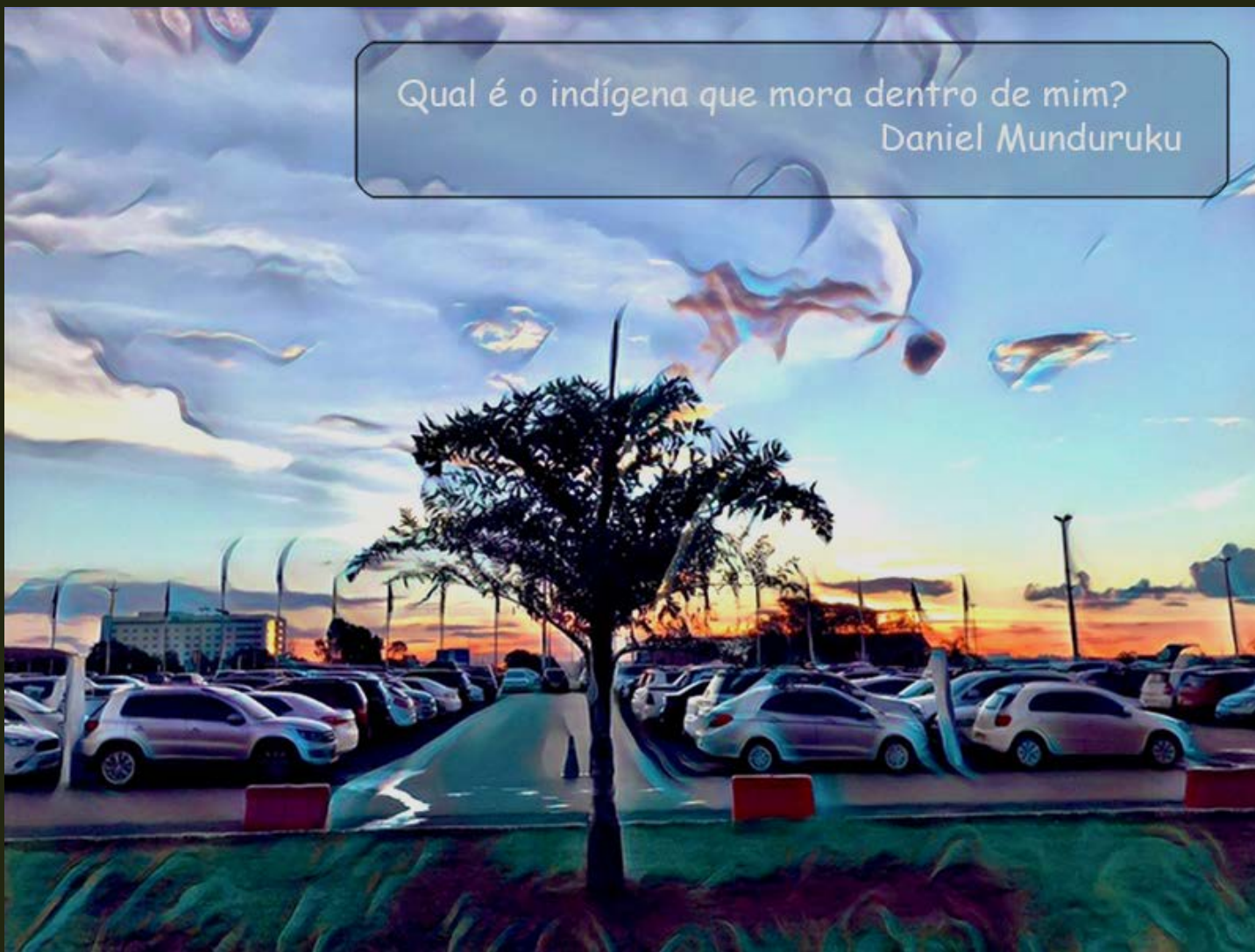


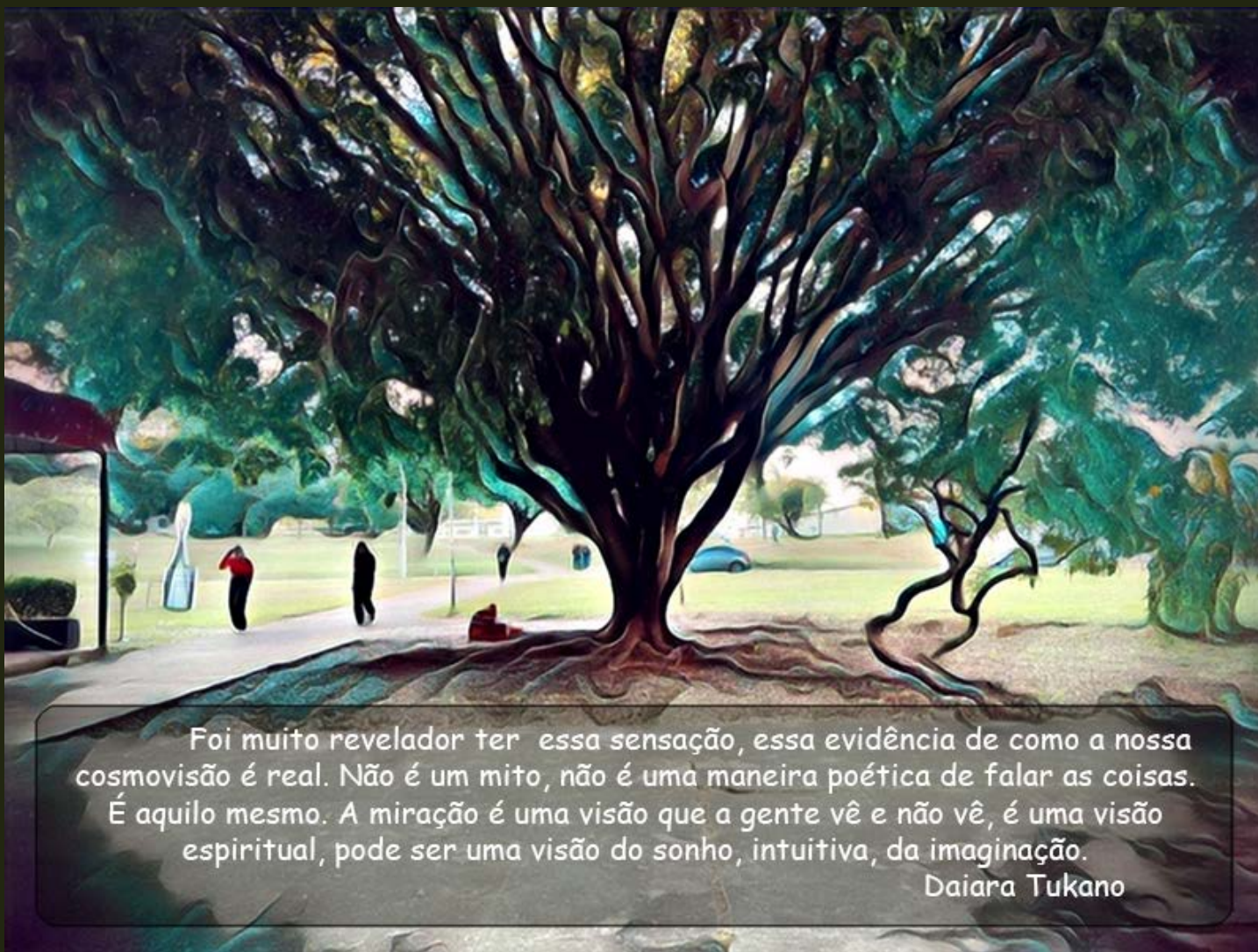


As árvores, os frutos, os rios, os mares, os animais silvestres, as chuvas,
os raios solares, as flores, as cachoeiras, as lagoas, as noites enluaradas e
estreladas cantavam e despejavam húmus, néctar do amor e da prosperidade
para endossar e adoçar a chegada de Jurupiranga.

Eliane Potiguara

Qual é o indígena que mora dentro de mim?
Daniel Munduruku





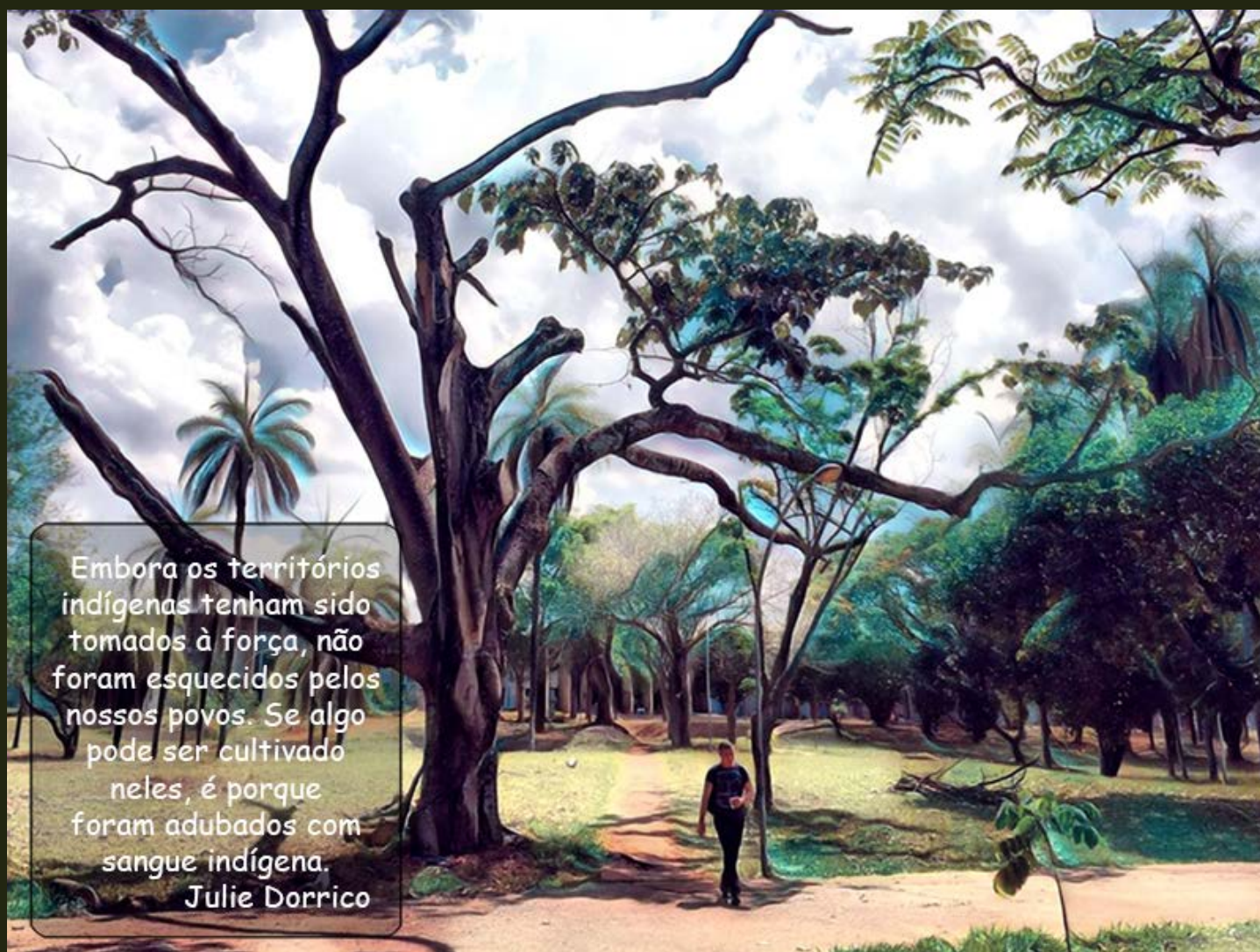
Foi muito revelador ter essa sensação, essa evidência de como a nossa cosmovisão é real. Não é um mito, não é uma maneira poética de falar as coisas. É aquilo mesmo. A miração é uma visão que a gente vê e não vê, é uma visão espiritual, pode ser uma visão do sonho, intuitiva, da imaginação.

Daiara Tukano



Os brancos não sabem sonhar e por isso estragam tudo.
Davi Kopenawa







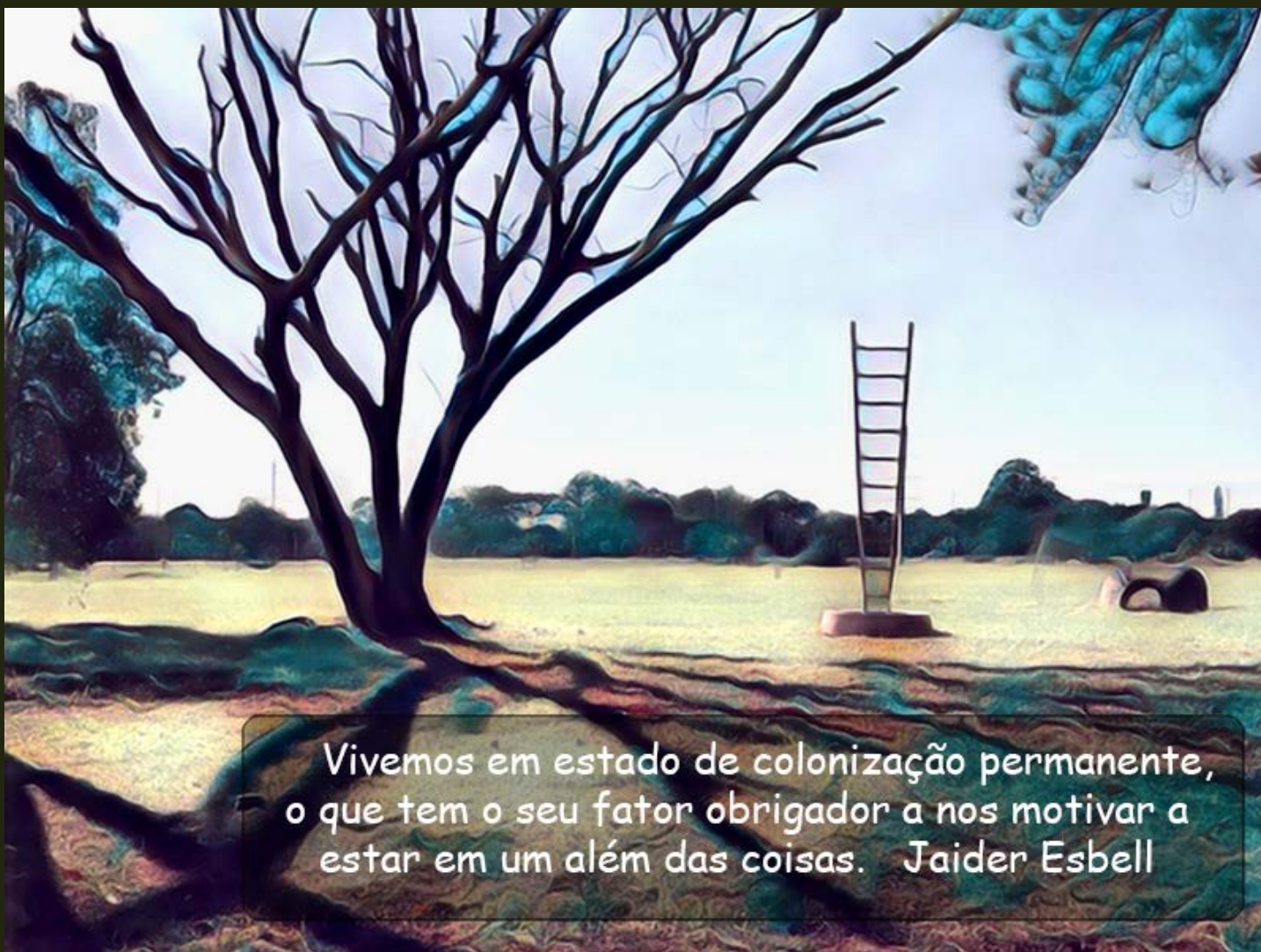
Essa gente que está empestando o planeta só percebe os rios como potencial energético para a construção de barragens ou com volume de água a ser usado na agricultura. Eles tratam os rios de maneira tão desrespeitosa que dá a impressão de que sofreram um colapso afetivo em relação às preciosidades que a vida nos proporciona aqui na Terra.

Ailton Krenak

Nasci em 1990. Mas
mensuro meu tempo de
existência pelo tempo
de existência do meu
povo, ou seja, com mais
de séculos.

Julie Dorrico





Vivemos em estado de colonização permanente,
o que tem o seu fator obrigador a nos motivar a
estar em um além das coisas. Jaider Esbell



Entre rios e matas
distender as asas
no caminho da aldeia
Graça Graúna



Nas narrativas de mundo onde só o humano age, essa centralidade silencia todas as outras presenças. Querem silenciar inclusive os encantados, reduzir a uma mímica isso que seria "espiritual", suprimir a experiência do corpo em comunhão com a folha, com o líquen e com a água, com o vento e com fogo, com tudo o que ativa a nossa potência transcendente e que suplanta a mediocridade a que o humano tem se reduzido.

Ailton Krenak

Referências

- D'Maschio, A. L. (8 de fevereiro de 2023). Entrevista com Daniel Munduruku. Porvir. <https://porvir.org/daniel-munduruku-o-professor-deve-se-perguntar-qual-e-o-indigena-que-mora-dentro-de-mim/>
- Dobal, S. (2025). Maíra, A Última Floresta e A Febre: reflexões sobre a questão indígena. Revista Contracampo, 44 (2). <https://doi.org/10.22409/p46c6q27>
- Dobal, S. (2024). Entrevista com Cláudia Andujar: O Compromisso com o invisível. A Barca, 2(2), 103-134. <https://doi.org/10.22409/abarca.v2i2.63481>
- Dorrigo, J. (2019). Eu sou Macuxi e Outras Histórias. Caos e Letras.
- Eisbell, J. (2018). Makunaima, o meu avô em mim! Iluminuras, 19(46). <https://doi.org/10.22456/1984-1191.85241>
- Graúna, G. (2021). Fio do tempo: (quase haicais). Baleia Cartonera.
- Krenak, A. (2022). Futuro Ancestral. Companhia das Letras.
- Martins, V. (1 de março de 2023). Daiara Tukano: celebrar a ancestralidade e desenhar o mundo. Instituto Socioambiental. <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/daiara-tukano-celebrar-ancestralidade-e-desenhar-o-mundo>
- Potiguara, E. (2018). A mulher que despertou nas asas do criador. Em J. Dorrico; L. F. Danner; H. H. S. Correia & F. Danner (Eds.). Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção. Editora Fi.
- Ramos, A. (20 de dezembro de 2023). O despontar de uma Renascença Indígena. Outras Palavras. <https://outraspalavras.net/poeticas/o-despontar-de-uma-renascenca-indigena/>